

FORMAÇÃO DO LEITOR INICIANTE NA EJA: direito à educação ao longo da vida

FORMACIÓN DE PRINCIPIANTES LECTORES EN EJA: derecho a la educación permanente

BEGINNER READER TRAINING IN EJA: right to lifelong education

Mônica de Ávila Todaro¹

<https://orcid.org/0000-0001-7777-925X>

Dayana Sottani²

<https://orcid.org/0009-0009-4718-6619>

Larissa Silva do Carmo³

<https://orcid.org/0009-0000-4798-4658>

Resumo

O presente artigo tem como tema a formação do leitor iniciante na Educação de Jovens e Adultos (EJA) considerando-a como um direito à educação ao longo da vida. O objetivo foi consolidar uma revisão sistemática (RS) de trabalhos realizados entre os anos de 2017 a 2022. Metodologicamente, a RS partiu de um universo de trinta e quatro artigos e, depois do refinamento, identificamos vinte e sete, sendo realizada a análise de dez para este artigo. Os resultados nos mostram que, por vezes, essa formação ocorre buscando levar em conta os conhecimentos prévios dos estudantes, e tendo como apoio as ideias de Paulo Freire para esse público. Já, por outro lado, também há ocorrências de uma abordagem técnica focando apenas em codificar e decodificar o sistema de escrita. A RS ressaltou que ainda existe um longo caminho a ser percorrido e explorado em relação a formação de leitores na EJA, quando se trata da perspectiva do direito à educação ao longo da vida.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Formação do leitor iniciante; Direito à educação ao longo da vida.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Possui Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo (USP). Integra o corpo docente do Departamento de Ciências da Educação na Universidade de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: mavilatodaro@ufsj.edu.br

² Graduada em Pedagogia pela Universidade de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: dayana-sottani@hotmail.com

³ Graduada em Pedagogia pela Universidade de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: carmo.silva.lari@outlook.com

Como referenciar este artigo:

TODARO, Mônica de Ávila; SOTTANI, Dayana; CARMO, Larissa Silva do. Formação do leitor iniciante na EJA: direito à educação ao longo da vida. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 25, p. 1-24, 2023.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v25i17751>

Resumen

Este artículo tiene como tema la formación del lector principiante en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) considerándola como un derecho a la educación a lo largo de toda la vida. El objetivo fue consolidar una revisión sistemática (RS) de trabajos realizados entre los años 2017 a 2022. Metodológicamente, la RS partió de un universo de treinta y cuatro artículos y, después del refinamiento, identificamos veintisiete, siendo el análisis de diez realizado para este artículo. Los resultados nos muestran que, en ocasiones, esa formación se da buscando tener en cuenta los conocimientos previos de los alumnos, y teniendo como soporte las ideas de Paulo Freire para ese público. Por otro lado, existen indicios de un enfoque técnico que busca codificar y decodificar el sistema de escritura. RS enfatizó que aún queda mucho camino por recorrer y explorar en relación a la formación de lectores en EJA, cuando se trata de la perspectiva del derecho a la educación a lo largo de la vida.

Palabras clave: Educación de Jóvenes y Adultos; Capacitación de lectores principiantes; Derecho a la educación permanente.

Abstract

The theme of this article is the formation of beginner readers in Youth and Adult Education (EJA) considering it as a right to lifelong education. The main aim was to consolidate a systematic review (SR) of works carried out between the years 2017 and 2022. Methodologically the SR started from a range of thirty-four articles and were refined down to twenty-seven, with the analysis of ten being carried out for this article. The results show us that, normally, this training takes into account the students' prior knowledge and has Paulo Freire's ideas as a support for the audience. On the other hand, there are also occurrences of a technical approach focusing only on encoding and decoding the writing system. When it comes to the perspective of the right lifelong education, RS emphasized that there is still a long way to go and explore in terms of readers training in EJA.

Keywords: Youth and Adult Education; Beginner reader training; Right to lifelong education.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos de estudo na área da educação, especificamente no curso de Pedagogia, percebemos que muito se fala da educação voltada para as crianças. Entretanto, sabendo que o pedagogo pode atuar em diversas áreas e locais, é relevante que haja pesquisas voltadas para esses outros ambientes, como para a Educação de Jovens e Adultos. Tal modalidade de ensino é de extrema relevância para aqueles que, por diversos motivos, não tiveram acesso à educação na idade regular.

Para entender melhor o cenário da EJA e buscando entender como ocorre a formação dos leitores que se encontram ali, fizemos o seguinte questionamento: “O que

as pesquisas de 2017 a 2022, publicadas em periódicos, demonstram sobre a formação do leitor iniciante em turmas dos anos iniciais da EJA?”.

É importante frisar que a educação vai muito além daquilo que acontece em sala de aula. Uma crítica inicial já transparece nesse modo pensar, uma vez que a escola não deve ser um ambiente onde acontece uma educação bancária, onde o professor deposita determinado conhecimento e, equivocadamente, acredita que o aluno vai apenas memorizar e repetir, sem que nesse processo tenha ocorrido uma educação crítica e conscientizadora. Ao contrário disso, defendemos que a escola deve ser local de construção de conhecimento e formação de cidadãos críticos.

Uma segunda crítica diz respeito à ideia de que escola é lugar apenas de criança, uma vez que também temos a modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a qual nos interessou no decorrer de nossos estudos e se tornou o tema central de nossa pesquisa. De acordo com o artigo 205 da Constituição Federal de 1988, “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, 1988, grifos nossos). Sendo assim, é assegurado pela lei o direito à educação de todos aqueles que desejam aprender, sejam crianças, jovens, adultos ou idosos. Além disso, o direito ao acesso a EJA também consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, na seção V, composto pelos artigos 37 e 38, do Capítulo 2, que se refere a Educação Básica de nosso país:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

- I – no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;
- II – no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames (BRASIL, 1996).

Dessa forma, constatamos que as pessoas que desejam ter acesso à educação, mas estão fora da faixa etária regular, têm esse direito assegurado. Nesse sentido, esse trabalho se justifica por pensarmos ser importante uma revisão sistemática sobre este tema, uma vez que em uma turma de EJA nos deparamos com pessoas de diferentes idades, cada qual com sua subjetividade, mas com uma coisa em comum: estão todos em processo de alfabetização e letramento e têm direito à educação ao longo da vida.

Nesse sentido, é importante que entendamos o que é alfabetização e letramento. Porém, como tais termos podem ter definições diferentes conforme o autor, vamos nos valer de Paulo Freire e Magda Soares, grandes nomes da área da educação, que nos ajudam a compreender os conceitos de alfabetização e letramento.

Segundo Paulo Freire (2003, p. 19), “A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral”, pois aqueles que estão em processo de alfabetização, talvez ainda não saibam como se expressar na linguagem escrita, mas já falam e expressam suas ideias pela linguagem oral. Ainda segundo Freire (2003, p. 41-42):

A alfabetização de adultos enquanto ato político e ato de conhecimento, comprometida com o processo da aprendizagem da escrita e da leitura da palavra, simultaneamente com a “leitura” e a “reescrita” da realidade, e a pós-alfabetização, enquanto continuidade aprofundada do mesmo ato de conhecimento iniciado na alfabetização, de um lado, são expressões da realidade nacional em marcha; de outro, práticas impulsionadoras da reconstrução.

Já sobre o letramento, Magda Soares (2009, p. 18) afirma que é “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Dessa forma, para além de saber ler e escrever, o letramento pode ser definido como o uso social da leitura e da escrita.

Sendo assim, retomamos a questão que se apresenta necessária para nós: O que as pesquisas de 2017 a 2022 demonstram sobre a formação do leitor iniciante em turmas dos anos iniciais da EJA? Acreditamos ser relevante levantar e analisar o que essas pesquisas

apresentam e apontam sobre a questão, para que possamos compreender o cenário acadêmico relativo à temática.

O objetivo geral desta pesquisa é realizar uma revisão sistemática acerca da formação do leitor iniciante na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os objetivos específicos são: analisar o que as pesquisas de 2017 a 2022 demonstram e apontam sobre o tema e sintetizar os resultados obtidos destacando os pontos relevantes sobre a formação do leitor iniciante na EJA, na perspectiva do direito à educação ao longo da vida.

Para tal investigação, o presente trabalho consolidou uma Revisão Sistemática (RS) (AKOBENG, 2005) e possui uma abordagem qualitativa, sendo recomendada “[...] para o levantamento da produção científica disponível e para a (re)construção de redes de pensamentos e conceitos, que articulam saberes de diversas fontes na tentativa de trilhar caminhos na direção descritivo-discursiva [...]” (GOMES; CAMINHA, 2014, p. 396).

Tal pesquisa teve como banco de dados o Google Acadêmico, com foco em artigos publicados em periódicos indexados, e direcionamento temporal de 2017 a 2022. E para a análise dos dados encontrados, pretendemos nos valer de uma abordagem qualitativa. Pois,

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos (MINAYO, 2007, p.21).

E assim sendo, ao analisar estudos já realizados, acreditamos ser possível alcançarmos os objetivos propostos.

1 BREVE REFLEXÃO ACERCA DO TEMA

Em relação à educação no Brasil, sabemos que o país ainda passa por muitos desafios para oferecer uma educação que seja pensada como direito ao longo da vida. E isso não é diferente quando se trata da Educação de Jovens e Adultos. O ensino para jovens

e adultos começou a ganhar foco em nosso país com a Constituição Federal de 1934, a qual menciona em seu parágrafo único do artigo 150, do Capítulo II, referente à Educação e a Cultura, que o plano nacional de educação deverá obedecer a certas normas, dentre elas o “ensino primário integral gratuito e de frequência obrigatória extensivo aos adultos” (BRASIL, 1934). Dessa forma, por lei, a educação passa a ser direito de todos, independente da idade.

Trazendo nossos olhares para um cenário mais recente, em 2003, o Governo Federal criou o Programa Brasil Alfabetizado (PBA) que, como constatado no site do Ministério da Educação (MEC), é realizado através do próprio MEC em todo território nacional, priorizando os municípios que possuem uma taxa de analfabetismo igual ou superior a 25%. Tal programa tem o objetivo de garantir a continuidade dos estudos para a alfabetização de jovens, adultos e idosos, com idade igual ou superior a 15 anos e universalizar o ensino fundamental no país. A adesão dos municípios ao programa é voluntária, assim como a atuação dos alfabetizadores. Porém, apesar da prática desses educadores ser considerada de caráter voluntário, eles recebem uma bolsa a fim de incentivar sua atividade alfabetizadora.

O PBA foi reformulado recentemente, no dia 8 de fevereiro de 2022, pelo decreto nº 10.959, trazendo novidades como a disponibilização de materiais de orientação e formação, como podemos observar no artigo 9º:

Art. 9º A assistência técnica a ser oferecida pelo Ministério da Educação aos entes executores incluirá a disponibilização de:
I - materiais de orientação e de formação;
II - materiais de apoio; e
III - instrumentos de avaliação.

Em 2014, foi sancionada a Lei 13.005 que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE), na qual consta, dentre outras mais, as seguintes diretrizes:

I - erradicação do analfabetismo;
II - universalização do atendimento escolar;
III - superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação. (BRASIL, 2014).

Com essas diretrizes, constata-se mais uma vez a preocupação em combater o analfabetismo no Brasil e com isso, a Educação para Jovens e Adultos entra em cena se

mostrando um ambiente relevante para a alfabetização daqueles que não puderam estar na escola da faixa etária regular. Melo e Araújo (2023, p. 3) nos lembram, ainda, do Conselho Nacional de Educação (CNE), que “Tomando como referência o Parecer CNE 11/2000, a EJA tem finalidades e funções específicas, com caráter de reparação social a fim de atender pessoas que não tiveram acesso a escolarização e apresentar reconhecimento do princípio de igualdade”.

A Educação de Jovens e Adultos precisa conquistar cada vez mais espaço, à medida que a esse público é dada a oportunidade de estudar e de se alfabetizar para conquistar o que deseja e poder transformar suas realidades, já que “a leitura será mediadora das relações entre o aluno e o mundo e, a partir dela, ele poderá interferir na realidade e reconstruí-la” (BELMIRO, 2011, p. 121). De acordo com o site do Governo de Minas Gerais, em 2020, o número de matrículas na EJA foi de 165 mil. Já em 2021, esse número foi para 179 mil, ou seja, teve um aumento de 19 mil em relação ao ano anterior. Mesmo que esses dados sejam referentes à rede Estadual de Ensino e não aos diferentes municípios que dispõem de classes de alfabetização na EJA, acreditamos ser importante trazê-los para refletir sobre a importância da formação, enquanto leitor, dos sujeitos dessa modalidade de ensino que nela seguem buscando a continuidade de seus estudos.

Um primeiro ponto a se pensar é que, para se iniciar o processo de ensino-aprendizagem da leitura, o papel do professor é fundamental no planejamento das unidades de leitura, pois “A construção de uma unidade para o ensino da leitura a uma determinada série escolar exige sempre posicionamentos, conhecimento e criatividade” (SILVA, 2003, p.21). É essencial que a formação desses leitores se dê de forma bem estruturada, para que assim não só aprendam a ler, mas também entendam aquilo que estão lendo e sejam leitores autônomos e críticos, vivenciando e compreendendo os diversos gêneros textuais e o mundo que os cercam. Como afirmou Freire (2003, p.11), “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”.

Outro aspecto importante na formação de leitores da EJA é que o docente deve planejar formas de se chegar ao objetivo pretendido, selecionando textos que façam sentido para a turma. De acordo com Silva (2003, p. 25),

Os textos que compõem as unidades de leitura devem estar vinculados ao repertório de interesses, aspirações e necessidades da classe. Ainda que esta máxima pedagógica seja amplamente proclamada e conhecida, muitas vezes ocorre que os textos nada têm a ver com aquele repertório, tendo sido selecionado para crianças sem “rostro”.

Muitas vezes quando pensamos em educação e em escola, os sujeitos que primeiro vêm em mente são as crianças. Entretanto, a construção de um planejamento para formar novos leitores que sejam jovens, adultos e idosos deve levar em conta as peculiaridades destas faixas etárias, uma vez que se diferenciam das crianças em muitos aspectos, não apenas na idade, mas também em suas necessidades e experiências de vida.

Além disso, o educador de EJA precisa ter consciência de que não é porque seus alunos estão em processo de letramento que eles não possuem nenhum conhecimento acerca do mundo. Em diversas ocasiões, “[...] caracterizados como leitores iniciantes, muitas vezes o professor entende os alunos dos programas dirigidos para jovens e adultos como tabula rasa, sem atentar para a importância do volume de suas experiências vividas” (BELMIRO, 2011, p. 126). Todavia, esses estudantes possuem muitos conhecimentos prévios que devem ser valorizados e os saberes pertencentes à essas pessoas são consequências de suas próprias vivências, que podem e devem ser trabalhadas em sala de aula a fim agregar valor às aulas, tornando sua formação significativa. De acordo com Paulo Freire (2003, p.20),

[...] a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de "escrevê-lo" ou de reescrevê-lo", quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. [...] Daí que sempre tenha insistido em que as palavras com que organizar o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos.

Através da leitura e da escrita, as pessoas são capazes de viver de forma mais independente e conquistar sonhos que antes pareciam impossíveis, sendo assim,

Vale sempre lembrar que uma pessoa lê para cumprir diferentes propósitos de vida. Na sociedade contemporânea, o ler se presta a um leque diferenciado de finalidades. [...] As perguntas “Por que ler?” e “Para que ler?” na sociedade (ou na comunidade específica onde vivem os alunos) são imprescindíveis para a organização coerente das atividades de leitura a serem vivenciadas pelos alunos (SILVA, 2003, p. 42).

Por isso, conhecer minimamente a vida de seus alunos é outro ponto relevante na EJA. Tais perguntas pensadas por Silva nos mostram a importância de conhecermos os motivos pelos quais esses estudantes estão em sala. Marinho (*apud* SIMÕES; FONSECA, 2015, p. 873) afirma que

[...] a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos à escrita e à leitura demanda a análise dos espaços sociais diversos – o universo do trabalho, da religião ou da casa, por exemplo –, em que se forjam as práticas letradas, pois eles determinam tanto os conteúdos como as funções nas formas de ler e de escrever.

Dessa forma, quanto mais o educador conhecer seus alunos, mais ele conseguirá envolver seu cotidiano nas aulas, buscando tornar o processo de ensino-aprendizagem significativo para essas pessoas. Esses indivíduos estão em sala buscando se alfabetizar com objetivos particulares. Buscar entender suas motivações e aspirações, é um passo importante para construir um planejamento de forma a tentar alcançar esses objetivos, fazendo com que esses alunos sintam autonomia em realizar as atividades habituais que demandam a prática da leitura nos diferentes espaços sociais que frequentam cotidianamente. Portanto, também é importante pensar que “[...] na medida em que se produz conhecimentos acerca das relações de ensino-aprendizagem, tendo em vista o aluno trabalhador, reconhecem-se esses indivíduos como sujeitos históricos que fazem parte do acontecimento social” (BELMIRO, 2011, p. 119).

Portanto, essa revisão integrativa se faz importante a fim de que entendamos o cenário acadêmico acerca da formação do leitor iniciante na Educação de Jovens e Adultos. Ao levantar e analisar os dados sobre a temática em pesquisas já realizadas conseguiremos ter um panorama sobre a formação desse aluno leitor iniciante da EJA, o que é feito, como é feito, o que não é levado em conta e como pode vir a ser. Acreditamos que apresentar e entender este cenário acadêmico pode contribuir com novos estudos e pesquisas futuras acerca da temática.

2 ANÁLISE

O levantamento resultou em 34 artigos nos quais a palavra leitura aparece no título e/ou no resumo. No Gráfico 1, podemos ter um panorama geral dos anos em que tais artigos

foram publicados, constatando que a maior parte são de 2021 e a menor- apenas um artigo- é de 2022.

Gráfico 1: Anos de publicação dos artigos.

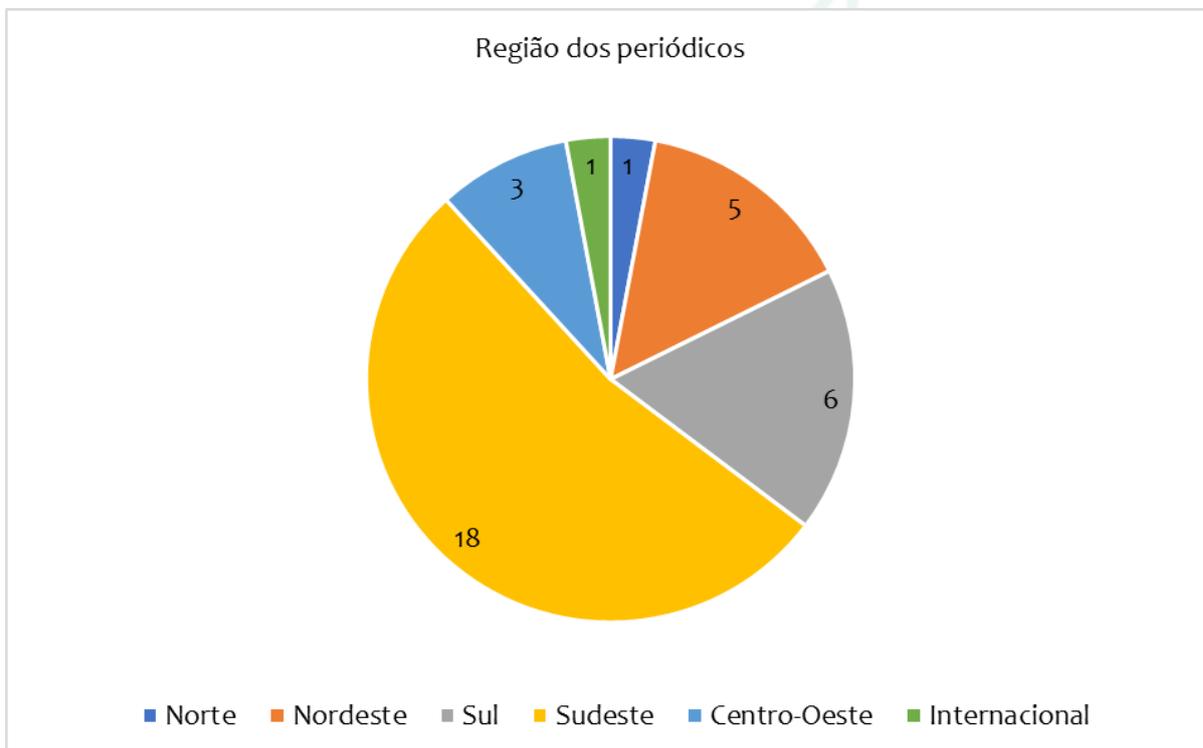


Fonte: Elaborado pelas autoras.

Dessa forma, é possível afirmar que o tema em questão não é abordado constantemente com a mesma frequência, mas em nosso recorte temporal há pelo menos um artigo referente ao assunto em todos os períodos analisados.

Já em relação às regiões, como mostrado no Gráfico 2, notamos que uma parte significativa das pesquisas foram publicadas no Sudeste, sendo esse número três vezes maior que a quantidade da região Sul, que aqui se encontra em segundo lugar em números de publicação, sendo 6 artigos pertencentes à essa região. A região Norte se encontra em último lugar, com apenas uma publicação.

Gráfico 2: Região dos periódicos.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Um ponto que vale ressaltar é que, de acordo com o site IBGE Educa, em 2019 a região Norte foi a segunda com a mais alta taxa de analfabetismo entre pessoas de 15 anos ou mais, com 7,6%, perdendo apenas para a região Nordeste, com 13,9%. Sendo assim, um questionamento nos vem à mente: será que se existissem mais pesquisas sobre a temática na região Norte, esse percentual poderia ser menor? Visto que com os resultados das pesquisas, as instituições que oferecem EJA poderiam propor melhorias àquilo que não esteja funcionando da maneira como gostariam, para assim, conseguir formar leitores de maneira efetiva, apoiando-se em “um conceito de leitura que contempla o homem em sua totalidade, capaz de transformá-lo em um ser atuante, cidadão e crítico” (SOUZA, 2020, p. 2723).

A fim de refinar os artigos que havíamos encontrado, após leitura prévia dos títulos, subtítulos e dos resumos de todos os artigos, foram selecionados apenas os artigos que respondem à questão orientadora deste trabalho, a saber: “O que as pesquisas de 2017 a 2022 demonstram sobre a formação do leitor iniciante em turmas dos anos iniciais da

EJA?”. Sendo assim, encontramos 27 que atendem tal questionamento, os demais não atendiam nosso questionamento no viés sobre leitores iniciantes nos anos iniciais.

Após a seleção dos artigos, foi feita a leitura na íntegra e um fichamento de todos esses artigos selecionados e, nesta leitura, buscou-se analisar como esses artigos podem responder a questão formulada por nós nesta pesquisa. No presente artigo, consta a análise de 10 deles.

Ao analisar os artigos selecionados, percebemos que o papel da EJA é associado à questão de transformação de vida, sendo a oportunidade de ampliar o acesso desses educandos aos mais diversos espaços sociais da nossa sociedade. Saber ler e escrever são habilidades importantes em um mundo grafocêntrico, não apenas para jovens, adultos e idosos lerem e interpretarem as mensagens que os rodeiam, mas também para transformar a realidade em que vivem e fazer valer o direito à educação ao longo da vida.

Mesmo sem essas habilidades, essas pessoas conseguiram (sobre) viver, mesmo que muitas vezes tenham tido dificuldades ou se sentindo excluídas e permanecendo às margens da sociedade. Essa jornada nada fácil resultou em uma bagagem muito grande de conhecimento que se aprende além dos muros escolares, nas próprias vivências e experiências diárias, vivendo em uma sociedade letrada sem ser um leitor formado. Esse conhecimento que os acompanha é essencial em seu processo de alfabetização e na aquisição da leitura e da escrita, porém os artigos demonstraram que a escola ainda tem dificuldade de incluir a realidade e os conhecimentos prévios dos alunos no ensino da leitura. Além do foco da formação desse leitor se pautar e se preocupar muito mais somente com a codificação e a decodificação sem dar a devida importância à compreensão, atribuição de sentidos e que o sujeito consiga ser ativo e não passivo perante o texto ou perante a situação de leitura não somente de palavras.

Isso se evidencia nos artigos, como por exemplo, quando um deles nos faz refletir que “[...] é preciso repensar o ensino da leitura, que não poderia se limitar à decodificação de palavras, frases ou textos” (FERREIRA; GOMES; FERREIRA, 2017, p.2). Em outro artigo temos que “[...] a formação de um leitor crítico e reflexivo, que possa dialogar com os diferentes textos que circulam nas práticas sociais expondo suas opiniões e relacionando às novas aprendizagens aos saberes torna-se ainda um desafio à escola”. (SILVA; DOS

SANTOS, 2018, p.5). Como veremos adiante, essa problemática teve destaque em nossas leituras por nos confrontarmos com ela em diversos artigos.

Em consonância com o apontado anteriormente, notamos que Freire foi um autor bastante citado, tendo seu método de alfabetização para EJA mencionado em muitos dos artigos. Freire (2011 *apud* PONTES, 2020, p. 16) apoiava “uma metodologia baseada na realidade do educando, levando em conta premissas como suas experiências, opiniões e história de vida [...]”. Para formar leitores de forma libertadora, que sejam críticos e autônomos, é preciso iniciar o processo de formação com o diálogo, procurando conhecer os educandos, o contexto do qual fazem parte e o vocabulário presente em suas vidas, para que assim a educação entre em contexto e faça sentido para eles.

Em contrapartida a essa concepção de educação, observamos que em alguns dos artigos selecionados a formação desses leitores se deu de forma técnica, com professores preocupados apenas com a decodificação da escrita, se limitando a identificação das sílabas e formação de palavras. É importante frisar que essa etapa faz parte da formação desses educandos, entretanto, não deve ser o foco principal. Muito além de formar sílabas, o leitor deve ser capaz de entender aquilo que está lendo, pois se ele leu um texto, mas não o compreendeu, ele apenas o decodificou, e assim a leitura não foi concebida (SOUZA, 2020).

As pesquisas nos demonstraram, de forma bem notória, que apesar dos autores constatarem a importância da compreensão, do uso, da reflexão acerca da leitura, a escola e as práticas escolares têm focado apenas no lado técnico e se preocupando somente com a codificação e decodificação como se um anulasse ou fosse detrimento do outro, mas pelo contrário, deveriam andar lado a lado. E fica um questionamento: Será que a preocupação é com a quantidade de alunos que se “formam” e não com a qualidade com que se educam ao longo da vida?

O artigo intitulado “Leitura, leitor e formação do leitor na Educação de Jovens e Adultos: análise de propostas curriculares” consegue nos elucidar de forma superficial sobre essas questões quando em suas conclusões as autoras Finatto e Sant’anna (2020, p. 152) nos demonstram após análise de documentos norteadores que

No entanto a preocupação institucional fica somente no discurso, pois as políticas públicas voltadas para o livro e a leitura e para a educação como um todo ano após ano vêm sofrendo precarização, além de não serem amplamente debatidas. Não é feito um estudo aprofundado das questões que envolvem a leitura e, assim, um discurso superficial sobre leitura está presente nos documentos. Eles apresentam inconsistências teóricas que indicam não haver preocupação com a formação efetiva de leitores, mas sim com os números de leitura e certificações.

Nesse sentido, podemos apreender que hierarquicamente a falta de preocupação e seriedade dadas à leitura e a formação do leitor na educação, principalmente na EJA, dada pelos governantes reflete diretamente em como as escolas e professores direcionam e planejam em relação à leitura e formação do leitor, visto que não possuem necessário amparo e apoio com as políticas existentes. No artigo citado, também foram analisados documentos que, diferentemente dos outros artigos por nós analisados, pontua sobre o currículo, os documentos orientadores e a (ir)responsabilidade do poder público diante deste tema, pois os outros textos em geral mencionam a escola, o professor e a sala de aula.

Ainda questionando os limites do ensino, percebemos, ao ler o artigo intitulado “Projetos de letramento na escola: de sua relevância como ponto de partida e de chegada da leitura e da escrita no mundo digital e no mundo do trabalho”, que é importante que a educação na EJA possa expandir suas fronteiras, ensinando para além do papel e do lápis. Sabemos que muitos dos estudantes da EJA se encontram em sala de aula buscando conseguir trabalhos melhores e, atualmente, há muitas formas de empresas recrutarem funcionários e de pessoas se candidatarem a vagas de emprego de forma virtual, via o site da empresa, envio de currículo por e-mail, preenchimento de campos necessários à vaga e etc. Assim sendo, é necessário ensinar práticas de letramento que também envolvam o mundo digital, realizando assim o letramento digital, que pode ser entendida, de acordo com Coscarelli (2011) e Soares (2009) *apud* Cantuário (2019, p. 161) como

uma condição ou estado de ler e escrever na cibercultura,[...] como consideram, onde os indivíduos passam, de fato, a participar e interagir com outras pessoas e culturas diferentes via textos multimodais, o que altera, por sua vez, o estado ou condição dessas pessoas frente à tecnologia da escrita e à leitura.

Ao trabalhar o letramento digital, os professores abrem espaço para que os estudantes tenham a oportunidade de ampliar sua busca na inserção do mercado de

trabalho, sendo capazes de realizar tarefas tecnológicas que são, muitas vezes, solicitadas nos diferentes cargos que elas possam vir a ocupar.

Ainda pensando no meio tecnológico/digital em 2020 fomos surpreendidos com a pandemia de covid-19 onde tivemos que nos isolar do contato físico social, o mundo todo teve que se adaptar em diversas questões. Inclusive a escola que teve que se reinventar depois de seu fechamento físico, pois como a situação se estendeu por mais tempo que o imaginado, a escola foi “obrigada” a se utilizar dos meios digitais para continuar seus trabalhos. Nesse sentido, encontramos dois artigos escritos durante e sobre essa situação atípica, resultantes de pesquisas realizadas durante a pandemia.

No artigo intitulado “Encontros virtuais de leitura na EJA: limites e possibilidades de práticas pedagógicas em tempos pandêmicos”, temos o acompanhamento das aulas em como fazer de fato a formação de leitores num contexto tão adverso e cheio de limitações. O artigo pontua que algumas metodologias e formas de ensino não deram certo, além da necessidade de encontros síncronos que inicialmente não existiam, aponta, também, que a voz e a leitura em voz alta foram importantes para as construções e aprendizagens, pois a voz era o meio de compartilhar e partilhar da leitura, sendo a escolha dos textos, gêneros e temáticas com base em critérios respeitosos, pedagógicos e com sentido. Bocasanta e Bertaco (2021, p. 277) pontuam que

Nesse sentido, foi possível observar que os alunos sempre partiam de suas vivências para comentar o que entenderam da leitura, elaborando no decorrer de suas falas suas opiniões sobre os temas. [...] Por consequência, acabaram percebendo que muitas vezes a ficção poderia fundir-se à realidade, à sua realidade.

Já no artigo intitulado “Letramento imagético e EJA no contexto de atividades remotas durante a pandemia”, temos uma sequência didática que foi realizada com uma turma de EJA já voltado para o letramento imagético, e também pensando na necessidade de desenvolver a inserção desses sujeitos na cultura digital, visto que naquele momento o meio digital era o único meio possível. Essa sequência didática tinha o intuito de “[...] proporcionar aos sujeitos escolares a quem propusemos as atividades a agudização do olhar que lê e atribui sentido às imagens, bem como, se torna capaz de produzir suas próprias narrativas visuais.” (BOCASANTA; RAPKIEWICZ; LUZ, 2021, p. 1144). A sequência

didática se deu primeiramente pela exploração de histórias em quadrinhos ilustradas por um artista que era morador de uma cidade da região dos alunos, um dos motivos de escolha, além da linguagem que era compreensível e não era infantilizada, era o fato de que os temas estavam dentro da realidade dos estudantes. Após a exploração destas histórias em quadrinhos foi proposto que os alunos tirassem fotos de situações do dia a dia que pudessem sequenciar e contar uma história. A partir das imagens tiradas pelos alunos da EJA outras atividades foram desenvolvidas. “Naquelas imagens residiam diferentes formas de ver e de pensar sobre o mundo ao nosso redor. [...] Não podemos deixar de destacar que usar tais imagens nas tarefas propostas também era um modo de promovermos a autoria desses sujeitos escolares.” (BOCASANTA; RAPKIEWICZ; LUZ, 2021, p.1150).

Apesar dos pontos positivos e das experiências que como sempre deveriam partir da realidade do aluno, além da formação do leitor da palavra, da imagem e do mundo, aconteceu também de alguma forma uma formação de leitor “digital” que explorou recursos para a realização das atividades e aprendizagens. Apesar disso, em ambos os textos foi pontuado pelos autores as dificuldades encontradas tanto pela professora quanto pelos alunos “[...] foi possível registrar dificuldades encontradas pelo público da EJA num contexto de invisibilização da modalidade e de exclusão digital.” (BOCASANTA; BERTACO, 2021, p. 263).

Tais achados nos trazem a reflexão que a pandemia nos obrigou a adaptar ao meio virtual, nos alertando da defasagem de aprendizagem tecnológica tanto do professor como dos alunos, e que as dificuldades encontradas durante esse período se tornem potenciais aprendizagens dentro da escola que o digital e virtual continue presente e que os alunos da EJA sejam preparados e tenham acesso ao que lhes é de direito.

Partindo dessas perspectivas pontuadas anteriormente, outro ponto importante abordado nos artigos selecionados foi a relevância de se trabalhar diferentes gêneros textuais, buscando ampliar as condições de interação entre estudante e sociedade. A aprendizagem pode ocorrer através de um poema, de uma receita, de uma conta de luz, ou até mesmo de uma música. Trazer para a sala de aula gêneros textuais que sejam mais facilmente encontrados no dia a dia do aluno e que contemplem seus interesses é de suma importância para garantir o desejo de estar ali presente e sentir que sua voz está sendo

ouvida. É de extrema relevância que o educador saiba os objetivos de seus estudantes ao retornarem para a escola, a fim de planejar aulas que façam sentido e que alcancem tais objetivos, buscando, também, tornar as aulas agradáveis para tentar assegurar o retorno no dia seguinte, e, mais importante levando em consideração seus conhecimentos de mundo, as bagagens que carregam e sendo sensíveis às suas histórias.

Além de pensar na diversidade de gêneros textuais, é preciso pensar que a formação passa por diversos tipos de leitura e letramento, nesse sentido, em nossa pesquisa encontramos dois artigos cuja leitura/letramento está no viés temático da matemática. No artigo intitulado “Interpretação de gráficos de barras na educação de jovens e adultos” podemos perceber, a importância da “leitura” e entendimento dos números e como a formação de leitor é ampla. De acordo com as autoras Lima e Selva (2021, p. 220-221),

Desenvolver habilidades de leitura e interpretação de gráficos é relevante, pois promove acessibilidade a dados de natureza quantitativa próprios da Estatística, bem como contribui para a reflexão das ideias subjacentes às diversas informações contidas na representação gráfica, as quais envolvem, em geral, temas e conhecimentos fundamentais para a construção de uma cidadania ativa.

Já no artigo intitulado “Os saberes e dizeres matemáticos dos alunos da EJA: ‘a leitura de mundo precede a leitura da palavra’”, como o próprio título sugere a partir de Paulo Freire os autores analisam o que os alunos da EJA sabem e dizem sobre a matemática. Esse artigo pontua a importância da educação popular e da cultura popular. Os autores Quaresma e Santos (2021, p. 355) nos pontuam que

[...] o poder popular sustentou o processo de alfabetização na educação de jovens e adultos, de modo que a educação popular e a EJA buscaram promover aos povos oprimidos a apreensão do código da leitura e da escrita, pautada na concepção de uma educação como ato político, emancipador, democrático, dialógico e, sobretudo, a favor das classes populares, corroborando uma educação com o povo e para o povo.

No mesmo artigo, após as conversas com os alunos da EJA demonstrou-se que a partir do dia a dia, principalmente da vida do trabalho, esses alunos criaram suas próprias formas de fazer o uso da matemática, e que ter domínio dos conhecimentos matemáticos representa autonomia como bem pontua os autores “[...] saber contar, resulta em autonomia para lhe dar condições para pensar e agir matematicamente sobre o mundo.

Para as estudantes, a Matemática é um saber que gera autonomia.” (QUARESMA; SANTOS, 2021, p. 259). Além disso, é importante o destaque que os autores trazem a partir da fala de uma aluna “Deparamo-nos aqui com uma fala extraordinária, pois está explícito o que, e como, os estudantes da EJA desejam aprender Matemática perante a sua função social.” (QUARESMA; SANTOS, 2021, p. 361), a partir desta citação fazemos nossa reflexão final no sentido que fica claro ao longo de nossa pesquisa e da maioria dos artigos lidos que a efetiva formação de leitores na Educação de Jovens e Adultos tem que partir dos sujeitos que ali estiverem, tem que ser construída e pensada não somente PARA eles, mas construída e pensada COM eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática acerca da formação do leitor iniciante na Educação de Jovens e Adultos (EJA), buscando analisar o que as pesquisas de 2017 a 2022 demonstram e apontam sobre o tema e sintetizar os resultados obtidos destacando os pontos relevantes sobre tal formação.

É notável que a EJA tem papel fundamental na garantia do direito à educação para aqueles que, por diversos motivos, não puderam estudar na idade regular. Após a leitura e análise dos artigos selecionados, foi possível perceber que a principal função da EJA é dar a oportunidade, muitas vezes negada a jovens, adultos e idosos, para que estes possam ter mais condições de se inserirem de fato na sociedade grafocêntrica em que vivemos.

É importante salientar que, do refinamento que resultou nos vinte e sete artigos que foram analisados, apenas 6 manifestam a formação do leitor iniciante na perspectiva da educação ao longo da vida ao trazer expressões como “educação e aprendizagem ao longo da vida” e “educação deve se dar ao longo da vida” que constam no mesmo artigo, “pouco acesso à literatura ao longo da vida” e “a formação do leitor é contínua, acontece ao longo da vida” que são encontradas no mesmo artigo; situadas nos demais artigos, encontramos as expressões “educação ao longo da vida”, “educação popular libertadora ao longo da vida”, “educação que se realiza ao longo da vida”, e “saberes construídos ao longo da vida”.

Constata-se que Paulo Freire é uma referência que aparece nos estudos sobre a formação do leitor na EJA, sendo referência para o ensino da leitura e escrita desse público. Frequentemente, suas ideias seguem sendo utilizadas para formar os estudantes respeitando suas histórias de vida, entendendo que todos os anos vividos até o momento de se sentar em uma cadeira escolar renderam diversos aprendizados que foram adquiridos com as experiências da vida e que esses devem ser levados em conta no contexto escolar, quando se pretende considerar o direito à educação ao longo da vida.

Por outro lado, pode-se notar, também, a denúncia de pesquisadores feita contra os professores que estão focados apenas em ensinar a codificar e a decodificar o sistema de escrita, fazendo com que o processo de ensino-aprendizagem seja muito técnico e, por vezes, desinteressante para esses estudantes, que chegam à escola cansados após um longo dia de trabalho. Seguindo essa linha de pensamento, nota-se como a presença e o planejamento dos educadores são importantes, uma vez que eles precisam ter em mente que em alguns casos, seus alunos não têm incentivo de terceiros para estarem ali, além de estarem exaustos fisicamente e mentalmente após horas e horas de trabalho, o que causa um número grande de desistência e gera uma nova expulsão do espaço escolar.

Os nossos objetivos foram alcançados uma vez que foi possível investigar de que forma a formação do leitor iniciante na EJA ocorre, com destaque para o legado de Freire, ou seja, levando em consideração a bagagem que carregam, as histórias vividas e partindo de elementos do seu cotidiano e, outras vezes, ainda focado em um processo técnico visando apenas alfabetizar e por vezes, esquecendo-se da importância do letramento.

Por fim, podemos afirmar que a realização da pesquisa que teve como fruto este artigo foi importante para entendermos o cenário das pesquisas nessa temática. Além disso, através da análise feita, pôde-se observar como acontece a formação do leitor iniciante na EJA em diferentes locais, percebendo que, por mais que já tenha melhorado muito, ainda há muito o que fazer para que, de fato, tenhamos leitores jovens, adultos e idosos alfabetizados e letrados.

E nesse sentido, apesar dos objetivos desta pesquisa terem sido alcançados, reconhecemos que o tema e a importância não se findam ou se esgotam neste artigo, pois ele gera novas inquietações e questionamentos, que provocam possibilidades de futuramente realizar-se novos estudos. Além disso, este trabalho mostra que ainda existe

um longo caminho a ser percorrido e explorado em relação a formação de leitores na EJA, quando se trata da perspectiva do direito à educação ao longo da vida.

REFERÊNCIAS

AKOBENG, Anthony Kwaku. Understanding systematic reviews and meta-analysis. **Archives of Disease in Childhood**, [s. l.], v. 90, n. 8, p. 845–848, 2005.

BELMIRO, Celia Abicalil. A leitura na Educação de Jovens e Adultos. IN: EVANGELISTA, A.A.M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. **A escolarização da leitura literária: O jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 117- 128.

BOCASANTA, Daiane Martins; BERTACO, Isabelle. Encontros virtuais de leitura na EJA: limites e possibilidades de práticas pedagógicas em tempos pandêmicos. **Olhares& Trilhas**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 263–283, 2021. DOI: 10.14393/OT2021v23.n.2.59086. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/olhases trilhas/article/view/59086>. Acesso em: 15 set. 2022.

BOCASANTA, Daiane Martins; RAPKIEWICZ, Clevis Elena; LUZ, Talia Prates da. Letramento imagético e EJA no contexto de atividades remotas durante a pandemia. **Revista Educar Mais**, [S. l.], v. 5, n. 5, p. 1137–1158, 2021. DOI: 10.15536/reducarmais.5.2021.2520. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/2520>. Acesso em: 20 set. 2022.

BRASIL. Constituição (1934). **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**: promulgada em de 16 de julho de 1934. Rio de Janeiro, 1934. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm. Acesso em: 12 jun. 2022.

_____. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Presidente da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 12 jun. 2022.

_____. **Decreto nº 10.959**, de 8 de fevereiro de 2022. Dispõe sobre o Programa Brasil Alfabetizado. Brasília: Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 09 fev. 2022. Seção 1, p. 2 Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/Decreto/D10959.htm. Acesso em: 04 ago. 2023.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 14 jun. 2022.

_____. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 26 jun. 2014. Seção 1, p. 1, Ed. Extra. Disponível

em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 14 jun. 2022.

_____. **Ministério da Educação**. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/programa-brasil-alfabetizado>. Acesso em: 02 jul. 2022.

_____. **Ministério da Educação**. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/brasil-alfabetizado/apresentacao>. Acesso em: 02 jul. 2022.

CANTUÁRIO, Antonio Artur Silva. Projetos de letramento na escola: de sua relevância como ponto de partida e de chegada da leitura e da escrita no mundo digital e no mundo do trabalho. **Cadernos Cajuína**, v. 4, n. 1, p. 153-172, 2019. Disponível em:<https://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/268>. Acesso em 20 set. 2022.

FERREIRA, A. S.; GOMES, L. B.; FERREIRA, S. P. A. Mediação docente e aprendizagem de leitura na Educação de Jovens e Adultos (EJA). **Revista Discurso & Imagem Visual em Educação**, v. 2, p. 39-66, 2017. Disponível em:<https://www.ufpe.br/documents/39399/2403766/FERREIRA%3B+GOMES%3B+FERREIRA++2017.2.pdf/4ad5cf51-8b02-47d0-9b5b-6ba60b038c7a>. Acesso em: 15 set. 2022.

FINATTO, Marina Marostica; SANT'ANNA, Sita Mara Lopes. Leitura, leitor e formação do leitor na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos**, v. 3, n. 06, p. 135-154, 2020. Disponível em:<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rieja/article/view/11234>. Acesso em: 17 set. 2022.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 45. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GOMES, Isabelle Sena; CAMINHA, Iraquitana de Oliveira. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as ciências do movimento humano. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 395-411, 2014.

IBGE EDUCA. **Conheça o Brasil - População**. Disponível em:<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em: 12 nov. 2022.

LIMA, Izauriana Borges; SELVA, Ana Coêlho Vieira. Interpretação de gráficos de barras na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos** [online]. 2021, v. 102, n. 260, pp. 218-242. Disponível em:<https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.102.i260.4163>. Acesso em: 18 set. 2022.

MELO, César de Lima de; ARAÚJO, Jair Jonko. Política educacional na Educação de Jovens e Adultos: gerencialismo e esvaziamento da EJA. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 25, p. 1-16, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v25i1.7615>. Disponível

em: <https://pegasus.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/7615>.
Acesso em: 31 jul. 2023.

MINAS GERAIS. Governo do Estado. **Em 2021, SEE/MG fortaleceu a modalidade e ampliou o número de matrículas na Educação de Jovens e Adultos.** [Minas Gerais]: Secretária do Estado de Educação, 03 fev. 2022. Disponível em: <https://www.educacao.mg.gov.br/em-2021-see-mg-fortaleceu-a-modalidade-e-ampliou-o-numero-de-matriculas-na-educacao-de-jovens-e-adultos/>. Acesso em: 14 jun. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: _____.(Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2007, p. 9-29.

PONTES, Fernanda Rodrigues. As Práticas de incentivo à leitura na educação de jovens e adultos: conceito, objetivo e método. **Scientia Vitae**, v.10, n. 29, p. 11- 22, jul/set. 2020. Disponível em: <http://www.revistaifpsr.com/v10n291122.pdf>. Acesso em: 17 set 2022.

QUARESMA, L. C. dos S. .; SANTOS, R. B. dos . Os saberes e dizeres matemáticos dos alunos da EJA: “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. **Revista de Educação Popular**, [S. l.], p. 349–365, 2021. DOI: 10.14393/REP-2021-62198. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/62198>. Acesso em: 18 set. 2022.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura em curso-** trilogia pedagógica. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Unidades de leitura-**trilogia pedagógica. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SILVA, Monyque Kelly Moura; DOS SANTOS, Adriana Cavalcanti. Didática da leitura na EJA: o que ainda revelam as práticas escolares?. **EJA em Debate**, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/2552#:~:text=Didaticamente%2C%20a%20professora%20demonstrou%20dificuldade,nas%20pr%C3%A1ticas%20sociais%20dos%20alunos>. Acesso em: 15 set. 2022.

SIMÕES, Fernanda Maurício; FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. Apropriação de práticas de letramento escolares por estudantes da Educação de Jovens e Adultos. IN: **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, nº 63, out.- dez. 2015, p. 869 – 884.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5925603/mod_resource/content/1/SOARES_Magda_Letramento_Um_tema_de_tres.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

SOUZA, Ronyvaldo de. Proposta de ensino de leitura para a Educação de Jovens e Adultos–EJA. **Revista Philologus**, v. 25, n. 75 Supl., p. 2713-2725, 2020. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/612>. Acesso em: 02 mar. 2023.

Enviado em: 09-08-2023

Aceito em: 22-12-2023

Publicado em: 28-12-2023

